

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A NARRATIVA LITERÁRIA E A GEOCRÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA DOS ESPAÇOS

Andressa Freitas dos Santos
Mestranda em História (PPGH/UFRN)
andressafreitas@gmail.com

Introdução

A ampliação do uso das fontes históricas a partir das investigações realizadas pela Escola dos Annales possibilitou uma aproximação entre a história e várias outras disciplinas, como a geografia, sociologia, psicologia, literatura, dentre outros. Desse modo, fontes históricas como as que são fornecidas pela literatura de ficção, tornam-se importantes referências para a construção do estudo da história. Nesse aspecto, desde os anos 1960 o desenvolvimento dos estudos na área das ciências humanas proporcionou o surgimento do que se convencionou a chamar de “virada espacial”, movimento que atribuiu importância significativa aos estudos quantitativos da história, cartografia e literatura. Dentro desse contexto, o estudo dos espaços passa a se tornar um importante elemento que serve como método de análise para se observar as representações presentes na escrita literária. De Michel Foucault (2013) à Yi-Fu Tuan (1983), evidencia-se que o estudo dos espaços torna-se premente nas ciências humanas, destacando o valor de subjetividade que a ele é intrínseco. A geografia humanística, como a que Tuan (1983) apresenta, possibilitou outras formas de interpretar os espaços, desprovida do arcabouço da racionalidade matemática. Uma dessas formas de analisar o espaço incluiu a literatura como o seu objeto de análise, suscitando o surgimento da Geocrítica.

Esse método possui como fundamento perscrutar o espaço geográfico das obras literárias e a partir dessa análise compreender os espaços reais e fictícios e de como a literatura interage com o mundo, estando implícito nessa forma de raciocínio que nossas relações de lidar com o mundo são literárias. A Geocrítica tornou-se popularizada no mundo anglófono a partir de sua continuidade nos escritos de Robert Tally, professor da Universidade do Texas. Em *Spatiality* (2013), Tally se utiliza do termo cartografias literárias como conceito central para definir as representações presentes nas fontes literárias. Conforme Tally (2013), o escritor tem uma dupla função: ao mesmo tempo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em que se preocupa e escreve sua narrativa, ele também é um cartógrafo, pois o escritor se apoia em processos de produção que vão delinear seu trabalho. A seleção e a omissão são categorias que estão presentes em ambas as atividades. Tanto o escritor, quanto o cartógrafo selecionam elementos para incluir em seus escritos ou mapas. Os trabalhos de literatura estão intrinsecamente conectados aos seus lugares de referência. A narrativa e o lugar estão intrinsecamente ligados nesse tipo de produção. Desse modo, ao proceder à investigação Geocrítica permite-nos estabelecer uma aproximação entre a história dos espaços e as representações ficcionais das narrativas literárias.

A virada espacial

No livro *Spatiality* (2013), Robert Tally dedica uma parte de sua obra a comentar sobre o contexto histórico em que se deu a virada espacial. Grandes teóricos como Michel Foucault já afirmavam desde a década de 1960 a prevalência das categorias espaciais. A ideia cultivada no século XIX de que a história traria o progresso do homem através do tempo não foi mais partilhada no século seguinte. Bertrand Westphal argumenta que inúmeros fatores contribuíram para a virada espacial, e um deles foi que a reestruturação e as consequências da Segunda Guerra Mundial levaram o homem ao término de sua obsessão pelo tempo. O enfraquecimento do historicismo e a dissociação do tempo e do progresso tornou possível a releitura do espaço. O pós-guerra suscitou uma análise do que foi produzido anteriormente, e um grande número de críticos passaram a observar as análises do passado com ceticismo.

Tally (2013) menciona o geógrafo marxista Edward Soja, que sinaliza em suas análises a presença de um historicismo despacializante entre o século XIX e XX que desvalorizou o espaço. Esse fato demonstra que o discurso gerado no pré-guerra serviu para mascarar as realidades espaciais implícitas na forma como se observava a história. Dessa forma, o entendimento do tempo como uma força progressiva foi substituído pela compreensão de que os espaços operam em um nível mais profundo. Conforme Tally (2013)

Certamente os movimentos massivos de populações – exílios, emigrantes, refugiados, soldados, administradores, empreendedores e exploradores – divulgou até agora um impensável nível de mobilidade no mundo, e tal movimento enfatizou a diferença geográfica; ou seja,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o lugar de alguém não poderia ser simplesmente tirado por muito tempo.¹ (TALLY, 2013, p. 13, tradução nossa)

Conforme o autor, o deslocamento das pessoas possibilita um maior aguçamento do senso de lugar, e essas movimentações em massa de grandes populações saindo do seu lugar e vivenciando novos locais possibilitou um novo olhar para as questões que envolvem o espaço. Além disso, a organização política e as rupturas do pós-guerra enfatizaram a essência do espaço e da geografia, nesse sentido Tally (2013) aponta para as forças da descolonização e neocolonização. Obras como *O Mediterrâneo* (1949) de Fernand Braudel deram grande protagonismo e importância às categorias espaciais, sendo uma das primeiras que marca o que hoje é conhecido como geohistória.

A organização social, as diferenças entre o rural e o urbano, fatores como a globalização que contribuíram grandemente para a confusão espacial e a revolução tecnológica que suprimiu as distâncias aumentando o senso de lugar ou deslocamento convergiram para aquilo o que David Harvey (apud TALLY, 2013) chama de “a compressão do espaço-tempo”. Com a emergência do pós-modernismo e do pós-estruturalismo se efetivou definitivamente a virada espacial.

O uso dos espaços na interpretação de fontes: um estudo de caso

No intuito de se esclarecer o uso interpretativo dos estudos dos espaços em fontes literárias, exploramos nessa análise o conto *A Rua* (1920) de Howard Phillips Lovecraft². O ano de escrita desse conto foi bastante peculiar por abarcar uma série de conflitos étnico-raciais que ocorreram nos Estados Unidos. Em 1919, o breve

¹ Certainly the massive movements of populations—exiles, émigrés, refugees, soldiers, administrators, entrepreneurs, and explorers—disclosed a hitherto unthinkable level of mobility in the world, and such movement emphasized geographical difference; that is, one’s place could not simply be taken for granted any longer. (TALLY, 2013, p.13)

² Howard Phillips Lovecraft (1890 – 1937) é consagrado como um dos maiores mestres da literatura de horror. Trazendo em sua obra monstros e criaturas que fogem à compreensão humana, o autor também apresenta em sua escrita a problemática da construção identitária. Seu trabalho, apesar de ter sido rejeitado pela crítica literária *mainstream*, foi intensamente discutido entre intelectuais que debatiam literatura fantástica por meio de cartas no início do século XX. Após sua morte, o reconhecimento a respeito de sua obra foi ampliado devido à contribuição de August Derleth, responsável por compilar a obra de Lovecraft em vários volumes. Nesse momento ocorreu a consolidação do subgênero conhecido como *Lovecraftian Horror*, ressaltando o elemento do *Cosmicismo*, que pode ser definido como uma indiferença ou nihilismo cósmico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sentimento de antigermanismo gerado pela I Guerra Mundial (1914 – 1918) foi eclipsado pelo Primeiro Surto do Perigo Vermelho (1917 – 1920) desencadeado pelos acontecimentos da Revolução Russa (1917 – 1923). Esses eventos culminaram com as tensões raciais conhecidas como o Verão Vermelho de 1919 nos Estados Unidos, que é conhecido como o período em que ocorreram conflitos raciais entre negros e supremacistas brancos em várias cidades dos Estados Unidos. Esse acontecimento foi amplamente documentado pela imprensa, que junto com o governo, temia a influência socialista e comunista dentro do movimento pelos direitos civis dos negros após a Revolução Bolchevique de 1917.

Os eventos narrados no conto tem inspiração diretamente relacionada à greve policial ocorrida na cidade de Boston em setembro de 1919, Lovecraft deixa isso claro em uma carta que os episódios relatados no conto têm relação direta com a *Boston Police Strike* (greve policial de Boston). Essa greve foi notoriamente explorada pelos jornais da época como um símbolo do golpe comunista que arruinaria os Estados Unidos. Antes disso, outras revoltas já vinham ganhando amplitude na imprensa nacional como a *Seattle General Strike*, ocorrida na cidade de Seattle no mês de fevereiro de 1919. Em Boston, a principal reivindicação dos policiais que aderiram à greve foi a diminuição das longas horas de serviço prestado, melhoria das condições de salário e de trabalho. Diante disso, a principal questão que move este trabalho é tentar entender como o contexto da época, marcado por uma suposta Ameaça Vermelha, transforma as maneiras de perceber os espaços em que os sujeitos estão inseridos, e nesse sentido compreender como isso se efetua na narrativa do conto *A Rua de Lovecraft*.

Conforme o estudo do historiador Robert Murray em seu livro *Red Scare* (1955), a ameaça vermelha, faz menção ao período em que se desenvolveu nos Estados Unidos um forte sentimento anticomunista. Os jornais, o próprio governo, bem como os cidadãos possuíam forte aversão ao comunismo, o que quase beirava um comportamento histérico. Murray abarcará nesse recorte a questão de como eventos como a greve policial de Boston irá agravar a histeria dos cidadãos que passaram a externar uma certa paranoia de um suposto ataque comunista nos Estados Unidos. Além desses acontecimentos que geraram tal histeria, a presença de imigrantes,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

principalmente os que eram provenientes do leste europeu, acentuaram a paranoia dos estadunidenses. Comumente os historiadores norte-americanos dividem esse período em duas fases. O primeiro *red scare* entre 1917 e 1920, e um segundo que vai de 1947 até 1957. Lovecraft é contemporâneo a esses acontecimentos, e estará inserido no contexto da primeira onda de histeria da ameaça vermelha, e vai basear sua narrativa de construção do espaço dos Estados Unidos a partir desses eventos.

O conto *A Rua* foi originalmente escrito no final de dezembro de 1919, e publicado no jornal *Wolverine* em dezembro de 1920, nele tentamos analisamos como o autor percebe o seu próprio espaço. Nesse escrito, evidencia-se o teor xenófobo e racista ao construir um imaginário do espaço histórico da Nova Inglaterra como origem da identidade cultural estadunidense. Atualmente, o conto é pouco conhecido entre os leitores de Lovecraft, mas ele é uma preciosa fonte histórica para avaliar a exposição panorâmica narrada pelo autor sobre episódios sucedidos em Boston (Massachussets). Dentre os eventos narrados pode-se destacar: a chegada e o estabelecimento dos peregrinos; as guerras com os nativos daquela região; o florescimento das artes e do estudo, propiciado pelo aparecimento da primeira universidade; a industrialização; a Guerra Civil Americana; a chegada dos imigrantes; a Grande Guerra e no final a revolução.

A história narrada em *A Rua* compõe uma alegoria literária. A Rua é a metáfora sobre o espaço originário dos Estados Unidos: a região da Nova Inglaterra. Por meio do conto, Lovecraft trafega pelos episódios da região expondo uma temporalidade cíclica, abordando-a como local da gênese e decadência da nação estadunidense. A história é contada por um narrador onisciente intruso que após questionar o leitor sobre a possível existência de alma em lugares e nas coisas, decide apresentar a história de uma Rua. Apesar de não separar o enredo em tópicos, a estrutura pode ser subdivida em quatro momentos históricos, - século XVII, XVIII, XIX e XX -, em que o narrador apresenta as mudanças nos usos de diferentes utensílios e vestuário dos habitantes da Rua como marcadores de transformações temporais, sem nunca mencionar diretamente aos eventos históricos por eles vivenciados.

A alegoria é construída pelo narrador do conto da Rua integrando episódios selecionados da história dos Estados Unidos, sem denomina-los pelos nomes usuais,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

formando uma lógica de interpretação baseada na circularidade espaço-temporal, tendo como objetivo responder a problemática inserida no conto, e, simultaneamente também representar uma resposta para as angústias de Lovecraft e seus leitores que buscavam encontrar as causas para a crise de identidade estadunidense.

A narrativa como construção do lugar

A cartografia é uma técnica escrita e simbólica de representar os fenômenos espaciais por meio de uma dimensão plana. A carta cartográfica deve representar estruturas naturais e delimitações artificiais como os topônimos criados pela cultura, porém algumas áreas são ampliadas em suas proporções ou podem ter suas formas deformadas chegando próximo ao desaparecimento por serem incorporadas em outras localidades. Mesmo que as proporções e as formas de representações espaciais sejam quantificadas por meio de grandezas matemáticas, as atribuições desses valores são estabelecidas por princípios ideológicos subjetivos advindos de distintas naturezas de experiência cognitiva.

Por meio dessa abordagem sobre a cartografia é possível reaproximar as definições geográficas da espacialidade com a historicidade temporal. No caso, a geografia humanística de Yi-Fu Tuan elaborou essa relação como resultado metodológico. Para Tuan (2013), o espaço é uma abstração criada pela racionalidade, sendo possível concebê-lo apenas com a vivência em lugares. O lugar é uma pausa no movimento, trata-se de uma estrutura estática e delimitada, na qual se implica um valor teleológico que lhe implique um significado de sua existência. Essa construção do lugar é realizada por uma perspectiva da experiência sensorial.

A geografia humanística, como a que Tuan (2013) apresenta, possibilitou outras formas de interpretar os espaços, desprovida do arcabouço da racionalidade matemática. Uma dessas formas de analisar o espaço incluiu a literatura como o seu objeto de análise, suscitando o surgimento da Geocrítica. Esse método possui como fundamento perscrutar o espaço geográfico das obras literárias e a partir dessa análise compreender os espaços reais e fictícios e de como a literatura interage com o mundo,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estando implícito nessa forma de raciocínio que nossas relações de lidar com o mundo são literárias.

O desenvolvimento dos Estudos Culturais, ocorridos na década de 1960, proporcionou o surgimento do que se convencionou a chamar de “virada espacial”, movimento que atribuiu importância significativa aos estudos quantitativos da história, cartografia e literatura. Dentro desse contexto a Geocrítica se desenvolve como método de análise literária que tem como principal objeto o estudo dos espaços na literatura. Bertrand Westphal é considerado o fundador do método geocrítico, apesar de não ser o primeiro a utilizar a leitura dos espaços na literatura como elemento de análise. Westphal (2011) apresenta a noção que, de certa maneira, toda a escrita manifesta uma forma de cartografia. Até mesmo o mapa mais realista não consegue captar a realidade do espaço em si, mas, assim como a literatura, partilham um complexo emaranhado de relações imaginárias. Além disso, o autor também trabalha com a lógica da modernidade e pós-modernidade e como elas impactaram diretamente nas formas sobre como nós compreendemos o espaço, antes visto como uma categoria inflexível e invariável, e mais recentemente percebido como uma prática mais complexa e heterogênea.

A geocrítica tornou-se popularizada no mundo anglófono a partir de sua continuidade nos escritos de Robert Tally, professor da Universidade do Texas. Em *Spatiality* (2013), Tally se utiliza do termo cartografias literárias. Conforme Peter Turchi (2004), mencionado por Tally (2013), o escritor tem uma dupla função: ao mesmo tempo em que se preocupa e escreve sua narrativa, ele também é um cartógrafo, pois o escritor se apoia em processos de produção que vão delinear seu trabalho. A seleção e a omissão são categorias que estão presentes em ambas as atividades. Tanto o escritor, quanto o cartógrafo selecionam elementos para incluir em seus escritos ou mapas. Os trabalhos de literatura estão intrinsecamente conectados aos seus lugares de referência. A narrativa e o lugar estão intrinsecamente ligados nesse tipo de produção. (TUAN, apud TALLY, 2013) Dessa forma, podemos constatar que esses dois elementos estão interligados ao analisarmos as imbricações presentes em *The Street* (1919). Lovecraft constrói uma cartografia literária de sua região mediada por seus afetos,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

trazendo para essa formulação sua própria experimentação de mundo, e sua forma particular de enxergar a sua região.

Neste trabalho é mobilizado principalmente os conceitos de *lugar* e *paisagem* do geógrafo Yi-Fu Tuan (1983; 2005); cartografia literária de Tally (2013) e *retrotopia* de Bauman (2017). No que diz respeito ao processo de construção de um lugar, Tuan (1983) destaca que as pessoas atribuem significado aos lugares mediante a experiência, a qual é múltipla, isto é, ela pode se dar de diferentes formas, seja ela direta, indireta ou apenas conceitual. Sobre essa experiência do conhecimento, Tuan (1983) nos fornece o seguinte exemplo.

A experiência pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos. Conhecemos nossa casa intimamente; podemos apenas conhecer algo sobre o nosso país se ele é muito grande. Um antigo habitante da cidade de Minneapolis conhece a cidade, um chofer de táxi aprende a andar por ela, um geógrafo estuda Minneapolis e a conhece conceitualmente. Essas são três formas de experienciar. Uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo com o conceitual. Pode articular ideias, mas tem dificuldade de expressar o que conhece pelos sentidos do tato, paladar, olfato, audição e até pela visão. (TUAN, 1983, pág. 14 – 15)

Ao tomar como objeto de análise o conto *The Street* (1920) de Lovecraft, observamos que a narrativa está relacionada como a vivência do autor na Nova Inglaterra e sua própria experiência, que se deu tanto de forma direta como conceitual, esses significados específicos conferem ao autor representações específicas que desencadeiam na construção desse lugar.

Em paralelo com a vivência do autor podemos supor que a aversão e o medo aos personagens e novos acontecimentos externados no conto *The Street* (1920) representam uma visão de constituição de mundo construída por Lovecraft. As paisagens mentais construídas pelo autor dialogam diretamente com a idealização de uma identidade e de um lugar e com o sentimento de medo que ameaça toda essa tradição. Tuan (2005) em sua obra *Paisagens do Medo* informa que na geografia, a paisagem é um conceito que evoca diversos significados. Na geografia humanística, a paisagem tem profunda relação com o indivíduo, conforme o autor aponta.

O que são paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. (TUAN, pág. 12, 1979)

Portanto, as “paisagens do medo” estão vinculadas a estados psicológicos, assim como ao meio ambiente real (TUAN, 1979). As paisagens mentais dos lugares em que Lovecraft habita, ou seja, a Nova Inglaterra, são representadas na obra do autor e reproduz sua perspectiva do mundo moderno, um lugar que, na visão do autor, deteriora-se cada vez mais com a presença do Outro.

Lovecraft busca na história do passado estadunidense um sentido de identidade. O presente por ele apresentado representa o perigo iminente da *Ameaça Vermelha*, que provoca uma ruptura com a sua concepção da suposta essência do espaço estadunidense. As mudanças no tempo e no espaço ocorrem, conforme o autor, com a chegada dos imigrantes e o aumento da população não-brancos nas cidades da Nova Inglaterra. A idealização e o medo são dois pontos de contraste na obra de Lovecraft.

A idealização por um passado, calcado em uma visão daquilo que foi perdido, é também abordada por Zygmunt Bauman, em seu livro *Retrotopia* (2017) ao retratar sobre o referido conceito. A retrotopia está relacionada a uma inversão de valores, cada vez mais comum na modernidade, em que se costuma atribuir ao passado o progresso, enquanto que o presente está fadado à decadência. Bauman (2017) aponta para o fenômeno do retorno ao passado na tentativa de demonstrar o processo de fabricação de territórios em que são depositadas as esperanças que já não cabem mais nas perspectivas da vida futura. A retrotopia, que é derivada da noção de utopia de Thomas Moore, corresponde a uma negação da ideia de progresso e busca na nostalgia do passado suplantar as necessidades do futuro. Observamos que em Lovecraft a busca por esses espaços idealizados do passado imprimem em sua narrativa a busca de um senso de identidade que corresponde ao lugar em que viveu, e que, segundo ele, foi corrompido na modernidade após a inserção de imigrantes e negros nos centros urbanos estadunidenses.

Através das considerações da professora Svetlana Boym, Bauman (2017) conclui que a nostalgia funciona como um “mecanismo de defesa” ao mundo fragmentado que vem se montando desde o século XX. A busca por uma memória

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

coletiva acaba sendo frustrada pela realidade de um mundo fragmentado, em que a nostalgia é um indicativo de perigo para a revivescência de determinados símbolos que impõem visões tendenciosas e conspiradoras. Conforme Bauman (2017):

Esse “mecanismo de defesa” consiste essencialmente na “promessa de reconstruir o lar ideal que se encontra no núcleo de muitas poderosas ideologias atuais, tentando-nos a renunciar ao pensamento crítico em prol do vínculo afetivo”. E adverte: “O perigo da nostalgia é que ela tende a confundir o lar verdadeiro com o lar imaginário.” Finalmente, Svetlana Boym dá uma indicação de onde procurar (e com toda a probabilidade encontrar) tais perigos: na versão “restauradora” da nostalgia – característica das “revivificações nacionais e nacionalistas do mundo todo, as quais se empenham na fabricação de mitos antimodernos de história, por meio de um retorno a símbolos e mitos nacionais e, ocasionalmente, com teorias intercambiáveis da conspiração” (BAUMAN, 2017, pág. 9).

O medo da identidade ultrajada, da ameaça iminente da destruição da Nova Inglaterra por imigrantes formam na literatura de Lovecraft uma representação das ânsias e o horror que Lovecraft atribui à modernidade. A sua insatisfação com o presente gera o processo de busca pela imaginação de retrotopias, e da transformação do lugar em uma paisagem do medo.

Considerações finais

Conforme demonstrado, foi possível observar que as categorias espaciais ocupam um lugar de grande destaque nos estudos culturais. Utilizar essa abordagem na análise de fontes históricas é válido, pois evidencia dinâmicas que estão atreladas diretamente a perspectivas de visões espaciais diferentes. A geocrítica ou teoria espacial utilizada no estudo de caso dessa comunicação, é entendida sob a perspectiva de se analisar tanto aspectos estéticos como políticos. De acordo com Tally (2013) o *corpus* teórico presente na geocrítica se constitui como uma miríade de métodos interdisciplinares diferentes com o propósito de compreender as diferentes relações espaciais em constante mudança que determinam a nossa era pós-moderna.

Quanto a nossa análise em nosso estudo de caso, observamos a prioritariamente a questão espacial. A análise dos espaços no conto *A Rua* (1919) nos leva a perceber que uma das principais preocupações do autor é reescrever a sua própria história do seu

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

país, os Estados Unidos, a partir do seu lugar de afeto, a Nova Inglaterra. A formulação de paisagens do medo - concebidas como uma geografia do horror no conto analisado - nos permite perceber como o cenário montado dialoga com suas convicções pessoais, e que isso é concebido não apenas pelo autor, como também refletem construções pertencentes às coletividades da sociedade estadunidense que mantinham ideais intolerantes.

A partir da compreensão do que nos é fornecido no conto, é possível observar os elementos constitutivos dos lugares afetivos do autor presentes nas narrativas, bem como perceber os tipos de visões que são atribuídas a esses espaços. Lovecraft sempre se utiliza do artifício de remontar ao passado no intuito de idealizá-lo, e formar um espaço idílico em que as gerações passadas puderam desfrutar da verdadeira essência do espírito do lugar. O presente é visto com hostilidade. Para o autor não existe mais a aura gloriosa de antigamente, ela feneceu conforme a chegada de agentes externos ao seu país, os imigrantes.

Mediante a análise dos espaços na literatura, é possível constatar que a escrita de Lovecraft está contextualizada em meio as suas experiências pessoais, essas bases forneceram elementos para que se criassem as suas próprias representações e se delineasse uma geografia intrínseca a ela. Nessa visão todo o mundo representado em sua literatura é uma representação mimética, que não necessariamente imita o mundo real, mas o tem como referência primária. Nesse caso, a sua vivência na Nova Inglaterra é o que fabrica todas as suas construções literárias. Essas construções dão indícios do tipo de mentalidade da época e da forma como se enxerga o *Outro*, além de permitir a análise de como um estadunidense observa o seu próprio lugar e os valores a ele atribuídos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. trad. Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DANIELS, Roger. **American Immigration: a student companion**. New York: Oxford University Press, 2001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LOVECRAFT, H.P. **The Fiction:** complete and unabridged. New York: Barnes and Noble, 2008.

MURRAY, Robert. **Red Scare:** a study in national hysteria 1919 – 1920. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1955.

TALLY, Robert. **Spatiality.** New York: Routledge, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Paisagem do Medo.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.